

Armazém Literário

Tânia Diacentini

Doutora em Educação pela Unicamp
 Professora aposentada da UFSC
 Professora da Université de Nice-Sophia-Antipolis

*Minhas asas estão prontas para o voo,
 Se pudesse, eu retrocederia
 Pois eu seria menos feliz
 Se permanecesse imerso no tempo vivo.*

Gershon Scholem: Saudação do Anjo

Como neste artigo das ciências se há de dar conta das mais importantes obras que se publicarem, pede a justiça que se preste uma atenção particular às obras que se publicam em português; o que farei de tanto melhor vontade, porque conhecendo o atual estado da literatura portuguesa, não espero que esta repartição me ocupe muito tempo, nem me cause grande despesa no papel.

Desta forma franca e contundente, Hipólito da Costa inicia a seção (repartição) *Literatura e Ciências* do primeiro número do seu jornal, o *Correio Braziliense ou Armazém Literário*, em junho de 1808, em Londres. Sua franqueza lhe vale a primeira das muitas polêmicas em que se envolveu durante todo o período de publicação do periódico. Antes de prosseguir com a seção, porém, é preciso situar, em largos traços, o jornal e seu fundador e único redator durante 14 anos. Uma história mais completa já foi escrita e o leitor a encontrará em dois livros que se tornaram clássicos, com o mesmo título: *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*.¹

É de Carlos Rizzini a apresentação que transcrevo:

Em 1808, Hipólito lançou o Correio Braziliense ou Armazém Literário, que, além de primeiro periódico brasileiro, foi o primei-

*ro periódico português posto em circulação independentemente de censura. Fundador da imprensa brasileira, é também Hipólito o criador da imprensa política em língua portuguesa. Começou o Correio a ser publicado em junho de 1808, na oficina de W. Lewis, e continuou pontualmente todos os meses, até dezembro de 1822, num total de 175 números, de 72 a 140 páginas in-8º (o de agosto de 1812 tinha 236 páginas), perfazendo 29 volumes. As assinaturas, ao preço de 2 guinéus, eram, a princípio, subscritas na residência do redator, nº1, New Inn, Wych Street, Temple-bar, ou na oficina impressora; mais tarde em alguns livheiros. As assinaturas no estrangeiro tomavam-se com os agentes de paquetes ou correios-mores, que tivessem correspondência com o correio-mor de Londres.*²



Capa do 1º número do Correio Braziliense.

¹ Coincidentemente, também, as duas obras foram publicadas em 1957. A de Mecenas Dourado pela Biblioteca do Exército, Rio de Janeiro, e a de Carlos Rizzini pela Companhia Editora Nacional, de São Paulo, numa bela edição ilustrada, na Coleção Brasileira. Outra referência obrigatória é o livro de: LIMA SOBRINHO, Barbosa. *Antologia do Correio Braziliense*. Rio de Janeiro: Livraria e Editora Cátedra; Brasília: Mec, 1977.

² RIZZINI, Carlos. *Op. cit.*, p. 18-9.

No alto da primeira página aparecia como epígrafe ou divisa os versos de Camões:

Na quarta parte nova os campos
ara
E se mais mundo houvera lá chegara.

denotando a ambição do jornalista de atingir a *Nação longínqua e sossegada, na língua que lhe é mais natural e conhecida*, desejo esclarecido logo na apresentação - ou *Introdução* - do *Correio*. Ali se lêem também seus propósitos e suas convicções:

*O primeiro dever do homem em sociedade é de ser útil aos membros dela, e cada um deve, segundo as suas forças físicas ou morais, administrar, em benefício da mesma, os conhecimentos ou talentos que a natureza, a arte ou a educação lhe prestou. O indivíduo, que abrange o bem moral d'uma sociedade, vem a ser o membro mais distinto dela: as luzes, que ele espalha, tiram das trevas ou da ilusão, aqueles que a ignorância precipitou no labirinto da apatia, da inépcia e do engano.*³

Mas, quem é esse homem, considerado talvez a mais alta figura entre os nossos ilustrados, segundo a avaliação de Antonio Cândido e que

num livro de história literária cabe não apenas como representante dum momento em que a literatura pública domina em qualidade e quantidade, mas como prosador de raça, como o primeiro brasileiro que usou uma prosa moderna, clara, vibrante e concisa, cheia de pensamento, tão despojada de elementos acessórios, que veio até nós intacta, fresca e bela, mais atual que a maioria da que nos legou o século XIX e o primeiro quarto des-

*te. Como ser o maior jornalista que o Brasil teve, o único cuja obra se lê toda hoje com interesse e proveito, foi um escritor e um homem de pensamento, exprimindo melhor que ninguém os temas centrais da nossa época das luzes?*⁴

Um apanhado da biografia do nosso personagem pode dar uma idéia da sua movimentada existência. Nascido na Colônia do Sacramento, no Rio da Prata, então possessão portuguesa, em 1774, Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça pertencia a uma família de razoáveis posses e tradição: pai militar das tropas reais, mãe de família de pequenos proprietários rurais, tio materno padre e professor, carreiras que seus irmãos mais novos vão abraçar quando adultos, sendo que um deles, José Saturnino, será senador e ministro. Hipólito faz sua escolarização oficial em Porto Alegre e, *comme il faut*, o curso superior em Coimbra, bacharel em leis e filosofia.



Retrato inédito de Hipólito, de Childe, provavelmente da ano da sua morte.

Em 1798, recém-formado, é encarregado por d. Rodrigo de Sousa Coutinho, então ministro da Marinha e do Ultramar, de estudar na república norte-americana, para aplicação no Brasil, a cultura de árvores nativas, do cânhamo, tabaco, algodão, cana, índigo, arroz e principalmente, a da cochonilha; a formação de pastagens; a construção de

³ CORREIO Braziliense, v. I, p. 3-4. (A partir de agora, nestas notas, C. B.).

⁴ CÂNDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. 6.ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. v. 1. p. 248.

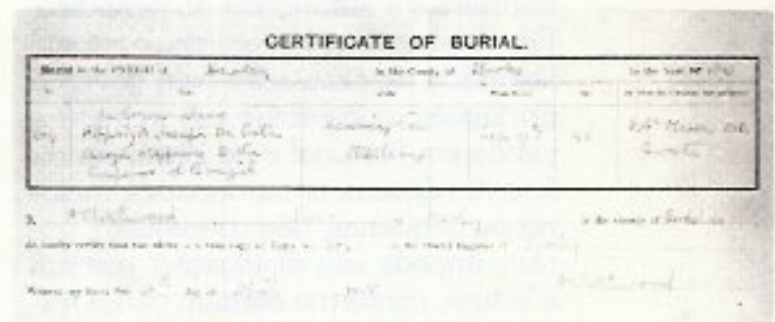
pontes, moinhos e engenhos d'água; a mineração; a pesca da baleia e o preparo do peixe salgado; (...), além de outros estudos, de ordem administrativa e política.⁵

Dois anos dura essa viagem, cheia de peripécias e rica em informações, como relata o próprio Hipólito, em *Memória, diário da minha viagem para Filadélfia* e nas *Cartas de ofício*. Além de cumprir sua missão, ele teria se familiarizado com a, para ele, surpreendente vida americana: a visitar escolas, repartições, museus, hospitais, cadeias e templos de várias confissões; a frequentar teatros, circos, tavernas e bilhares; a assistir a aulas e conferências e a sessões da Casa dos Representantes e da Suprema Corte; a ler gazetas livres, o que antes nunca fizera e a comparecer a jantares e reuniões, onde, inclusive, participava, ao piano, de saraus musicais.⁶ Tanto Rizzini quanto Mecenas Dourado acentuam a importância dessa viagem na formação política do futuro jornalista, sublinhando especialmente sua filiação à maçonaria.

Em dezembro de 1801, é nomeado para a Imprensa Régia, sendo um dos quatro diretores literários, aos quais cabia a seleção, tradução e revisão das obras a imprimir. Nesta condição, recebe, outra vez de d. Rodrigo, a incumbência de adquirir material gráfico para o estabelecimento e livros para a Real Biblioteca, em Londres, para onde viajaria também a negócios particulares, que seriam interesses da sociedade maçônica. Nada a reprovar, não fosse a perseguição oficial chefiada pelo temido Intendente da Polícia, Pina Manique, a todos os suspeitos de serem maçons, dada a proibição da Maçonaria pelo Santo Ofício, a Inquisição. Nem sua ligação ao ministro o salva de ser preso, quando de seu regresso a Lis-

boa, em fins de junho de 1802, amargando seis meses de prisão incomunicável antes de ser transferido para os cárceres da Inquisição. Lá ele ficou durante mais de três anos, a princípio respondendo a interrogatórios e depois curtindo a vingança dos inquisidores que o esqueceram.

Malgrado todos os esforços dos maçons e o uso de influências políticas, sua saída da prisão acontece de maneira insólita: uma fuga mais ou menos simples, fortuita e sem grandes riscos, a crer-se nas duas versões conhecidas.⁷ Em *Narrativa da perseguição*, Hipólito não esclarece os detalhes da sua evasão, talvez para proteger os amigos e maçons que o ajudaram durante os seis meses em que esteve escondido em Lisboa, antes de embarcar para a Inglaterra.⁸ Lá, em Londres, entre 1805 e 1808, data do lançamento do *Correio Braziliense*, ter-se-ia ocupado de traduções comerciais e jornalísticas, de literatura e de aulas, vivendo da forte proteção e da amizade do duque de Sussex, informa-nos Rizzini.⁹



Certidão do sepultamento de Hipólito, a 17/9/23.

⁵ RIZZINI, Carlos. Op. cit., p. 4.

⁶ Ibidem, p. 5.

⁷ Ibidem, p. 14-5.

⁸ Existe uma edição da *Narrativa da perseguição* comemorativa do bicentenário do nascimento e sesquicentenário da morte do autor, feita pela URG e Associação Rio-Grandense de Imprensa, em 1974, com base na 1ª edição de 1811, publicada em Londres. Somente o 1º volume foi publicado nesta edição brasileira.

⁹ RIZZINI, Carlos. Op. cit., p. 16.

Com a fundação e edição do *Correio*, que compreendia quatro seções - Política, Comércio e Artes, Literatura e Ciências, Miscelânea, a última compreendendo também as Reflexões sobre as novidades do mês e a Correspondência - a vida de Hipólito não ficou mais leve nem mais folgada. É o que ele mesmo afirma, em 1819:

Todo o incansável trabalho da redação, edição, correspondência deste periódico tem recaído sobre um só indivíduo, que aliás está carregado de outras muitas e mui diversas ocupações, que se lhe fazem necessárias, já para buscar os meios de subsistência, que não pode ter nos escassos lucros da produção literária deste jornal, já para manter a sua situação no círculo público em que as circunstâncias o obrigaram a viver.¹⁰

É possível acompanhar, um pouco nas páginas do jornal e mais nos dois livros de referência já citados, cujos autores utilizaram outras fontes, as discussões sobre a independência financeira e a autonomia do periódico. Pressionado financeiramente e em sua liberdade de circulação pelo governo português, que proíbe sua entrada e venda em Portugal e no Brasil em diferentes épocas, as autoridades, maiores ou pequenas, não conseguem, porém, impedir sua divulgação, compra e leitura, conforme atestam vários testemunhos e documentos da época, além de historiadores diversos.

A transcrição de um desses documentos é suficiente: *Não se podendo, pois, impedir a publicação de tais escritos, restaria o coibir quanto fosse possível a circulação deles nos domínios portugueses. A proibição por editais naqueles domínios e a de não serem levados nos paquetes, bem que se tem visto que só servem para aguçar a*

curiosidade de os ler, e os jornais, apesar das proibições, sempre foram para o Brasil e algumas vezes entregues a pessoas, que se não deveriam encarregar de tal comissão.¹¹ Escrito em 1821, pelo ministro português na Inglaterra, o mais constante perseguidor do C. B. demonstra a posição oficial minada por dissensões internas. Perseguido por ministros, no Brasil e na Europa, Hipólito teria o beneplácito de d. João, a quem sempre poupou em suas análises e críticas à administração.

Quoique la presse ne fut pas libre, on lisait presque partout le Correio Braziliense. A caixeirada... se nutre com a leitura dos folhetos de Londres, atestam outros documentos de época.¹² Mesmo deixando claro as limitações desta leitura e a conseqüente difusão das idéias dela hauridas, dadas as condições de escolarização e de circulação de impressos num país onde a própria imprensa é mais nova que o jornal em questão, os historiadores salientam a influência do periódico sobre a classe governante e entre os intelectuais da época: os padres, os bacharéis, os oficiais, os literatos, moderados ou revolucionários.

E para se ter presente as idéias fundamentais de Hipólito, a síntese feita por Antonio Cândido ajuda a fechar esta parte de apresentação:

O que desejava Hipólito? No campo administrativo, participação das Câmaras no governo das Capitâneas por meio de representantes eleitos, quebrando o arbítrio dos governadores; quanto à Coroa, respeito à lei por meio de um funcionalismo consciente, ministros responsáveis e fim do arbítrio soberano. No campo econômico, as suas idéias visa-

¹⁰ C. B., v. XXIII, p. 174.

¹¹ DOURADO, Mecenaz. Op. cit., tomo II, p. 411.

¹² RIZZINI, Carlos. Op. cit., p. 29.

vam evitar o monopólio de fato sobre o comércio por parte de nações estrangeiras, notadamente a Inglaterra, e transformar a agricultura numa grande fonte de riqueza, por meio sobretudo da abolição progressiva da escravidão e o recrutamento de mão-de-obra qualificada, pela imigração de europeus (...) não apenas agricultores, mas artesãos e intelectuais, pois esperava dela o material humano apto para a vida moderna.

Atribuía também grande importância à transferência da capital para o interior do país, a fim de difundir a civilização e romper o desequilíbrio causado por um centro político na periferia. No campo cultural, preocupavam-no as medidas que, através da instrução, promovessem a elevação do nível mental, e por isso batalhou sem interrupção (...) A espinha do *Correio Braziliense*, a preocupação de cada página: liberdade política, liberdade de expressão, difusão das luzes.¹³

Feito este esboço, passemos à seção *Literatura e Ciências*. De que trata o redator nesta parte do jornal? Que literatura publica? Qual o espaço destinado aos diferentes assuntos? Qual a visão de literatura predominante neste primeiro periódico brasileiro, cujo subtítulo é *Armazém Literário*? Trata-se, aqui, de tentar construir o que Benjamin chama de *experiência com o passado*, tentar resgatar o passado como *experiência única*.

364

Literatura e Ciências.

Out. 1821

Jornal da Expedição do General Mina ao México.

Extrahido de um manuscrito original, por um official, que acompanhou aquella Expedição.

Correio Braziliense, out. 1821. v. XXVII, p. 364.

Memoria, sobre a necessidade de abolir a introdução dos escravos Africanos no Brazil; sobre o modo e condições, com que esta abolição se deve fazer, e sobre os meios de remediar a falta de braços, que ella póde occasionar. Por João Severiano Maciel da Costa. Preço 100 reis.

Correio Braziliense, fev. 1822. v. XXVIII, p. 120.

— Química —
Literatura e Ciências.

191

Memoria sobre cores inalteraveis para se usarem em tingir, pelo Conde de La Boniaye.

O problema de chimica que eu proponho resolver he um dos grandes. Tem por objecto tornar as cores todas, que se usam na tinturaria, capazes de resistir ás injurias do tempo; e achar os meios de compor assim em laã como em seda, tapessarias, cuja frescura, brilho, e harmonia de tom se preservaraõ contra os effeitos da atmosphera, tam bem como pinturas sobre panno. Vos, Senhores, sabeis melhor do que o resto do mundo as difficuldades que ha para isto;—que me era preciso descobrir novos mordentes: qualificarlos, e multiplicallos segundo a natureza das substancias que se quizer tingir, e segundo a das substancias tingentes; e chegar a poder fixallas e mantellas no mesmo estado de equilibrio chimico, contra a continua reacção do ar, do calorico e da luz. Posso mesmo accrescentar, que, no numero destas cores, há algumas, cuja adhesão aos respectivos estoffos parecia ao principio quasi impossivel, pela materia colorante enfraquecer sempre o mordente, sem o qual he impossivel tingillos; e he necessario recorrer a contra-agentes ategora desconhecidos para remediar o mal. Mas para se formar uma idea disto, basta so reflectir nas tentativas feitas há dous seculos, sobre o *vermelho de Adrianopolis*, e sobre o anil, para não fallar nas innumeraveis experiencias e operações, mesmo depois de se ter examinado o principio da descoberta, pelo qual devemos acertar o processo mais simples, para nos assegurarmos sempre os mesmos resultados, e pôllos ao alcance de fabricantes ordinarios.

As amostras das novas cores inalteraveis, que agora tenho a honra de apresentar ao Instituto, e cuja composição he perfeita, são azul sobre laã e seda; verde, amarello, roxo, e mais nove cores, a saber; um amarello sobre lã, tão vivo e mais brilhante doque o primeiro; dous verdes, um dos quaes resiste mesmo á acção do fogo; dous pretos

¹³ CÂNDIDO, Antonio. Op. cit., p. 251.

Correio Braziliense, fev. 1815. v. XIV, p. 191.

Pretendo, pois, analisar o objeto histórico através da prática de coleta de informações, de separação e de exposição dos elementos, semelhantemente à prática de um colecionador. À fragmentação de conteúdos, característica de um jornal ou de uma revista, deverá se juntar a necessária fragmentação do trabalho de *iluminação* de partes do objeto, tentando analisá-las na unicidade e na excentricidade em que estão conservadas. Se isto as tira do contexto temporal, *fazendo explodir o continuum da história*, como quer Benjamin, imobilizá-las e congelá-las como peças de um museu não significa negar a história e a temporalidade. Pelo contrário, ambas estão presentes no objeto, *resguardado do esquecimento e da destruição*.¹⁴

A primeira transcrição feita neste texto, o parágrafo inicial da seção em junho de 1808, permite uma dedução que se mostrará significativa ao longo da leitura das mais de 2.100 páginas em foco. A seção (*artigo*) pretende se ocupar de assuntos científicos divulgados em obras impressas, selecionando-se as mais significativas, com prioridade para as publicadas na língua de expressão do jornal. *Literatura* parece ter aqui o sentido amplo de escritura, de conjunto de obras impressas, de conhecimento contido em livros, no caso sobre o tema, também abrangente, das ciências ou corpo de conhecimentos especiais, com objeto e métodos próprios, separado das belas letras. Sua função seria auxiliar, como divulgadora da ciência e da técnica (as artes). Visão perfeitamente integrada, como se vê, ao espírito da época, o de valorização da instrução, da razão e da ciência.

Polêmico e pragmático, Hipólito começa deixando claro sua constatação: obras importantes publicadas em

Portugal são raras, motivo pelo qual seus gastos, de tempo e com papel, serão pequenos. E ele mesmo, dois parágrafos abaixo, após apresentar a *miserável produção anônima* que irá comentar, esclarece sua opinião: *Eu tenho, é verdade, não em mui elevado conceito a literatura portuguesa dos nossos tempos, nem era de esperar outra coisa com as constantes perseguições que naquele país sofrem os homens de letras, mas faria aos portugueses uma grande injustiça, e obraria contra os meus sentimentos, se não declarasse altamente que conheço muitas pessoas em Portugal que, se houvessem empreendido esta obra, a fariam, ao menos em especiosos argumentos, infinitamente superior ao que ela é*.¹⁵

A seleção da *miserável obra* permite também esclarecer a posição política do jornalista brasileiro, radicalmente contra os franceses e seu governo invasor em Portugal. A *Notícia histórica do estado atual da Inglaterra neste ano de 1808*, publicada em Lisboa com Licença da Mesa do Desembargo do Paço, *é obra mandada fazer pelo governo francês*. Utilizando a técnica de composição retórica que irá manter na seção ao longo dos 175 números do C. B., Hipólito transcreve trechos da obra, faz análise e comentários, concorda com ou refuta totalmente os argumentos apresentados pelo autor. É para justificar os seus, cita suas fontes, transcreve provas, tabelas, quadros estatísticos, extratos comerciais, enfim, o que julga necessário para convencer o leitor de sua razão. O tom é apaixonado, mas a lógica racional

¹⁴ BENJAMIN, W. Sobre o conceito de história. In: *Obras escolhidas*. São Paulo: Brasiliense, 1985. v. I. p. 222-32.

¹⁵ C. B., v. I, p. 30-56. A citação em foco está na p. 32.

predomina. Não a ponto, porém, de economizar o papel: o folheto comentado, de 13 páginas in-8º, merece 27, também in-8º!

A observação do estado de atraso da literatura em Portugal feita neste 1º número do C. B. foi mal recebida por alguns leitores, o que obrigou o redator a explicar-se mais amplamente, dois meses depois, deixando mais claro seu repúdio à censura e sua crítica ao governo que a admite: *Se agora resuscitasse o grande Newton, e quisesse publicar em Portugal os seus Princípios matemáticos ou outra produção do seu gênio ainda melhor, seria essa obra mandada rever, por algum desses sábios do Areópago Português, que tem na sua mão o poder de dispensar as luzes à Nação, e se o frade, a quem a obra fosse distribuída para censura, assentasse que as proposições matemáticas, que ele não entendia, deviam, por isso mesmo, ser suprimidas, bem podia o grande Newton tornar a morrer e enterrar-se junto com a sua obra, porque Portugal e o mundo estavam sentenciados a ser privados do benefício daquela obra; e pergunto agora de quem era a culpa: falta de gênio em Newton, ou defeito do governo, que admite tais regulamentos.*¹⁶

E ele se defende de novas acusações: *Eu estou tão longe de querer atacar por isso a nação, que unicamente desejo mostrar onde existe o mal, para que as nações estrangeiras não nos acusem, como fazem, de falta de propensão para as ciências.*¹⁷ Essa luta contra o obscurantismo, uma das obsessões do jornal, não se dirige só contra Portugal: exemplos de outras nações são utilizados quando se faz necessário denunciar abusos, apontar erros que não devem ser repetidos. É o caso da França e sua Universidade Imperial, cuja criação por Napoleão Hipólito

registra, transcrevendo e comentando alguns dos capítulos de seu regimento para posicionar-se contra o monopólio das ciências e a uniformidade de instrução: *exigir uniformidade de instrução sobre todos os pontos das ciências, artes e doutrina sem que se tolere contrariedade de opiniões, e aniquilar todos os meios de oposição a este despotismo científico, mostra uma insolência e descaramento tal que não se esperava talvez nem deste árbitro universal da Europa.*¹⁸

Na análise do folheto intitulado *Causas e conseqüências da recente emigração para o Brasil*, Hipólito exibe outra de suas técnicas de construção do texto, quando faz dialogar duas obras: a de título acima citado, escrita por um inglês, e outra que lhe serviria de resposta, *Vindiciae lusitanae*, de autoria de um cidadão português. E exibe também sua isenção política, analisando os ataques e críticas a Portugal e seu governo com equidistância e visão histórica. Quando o assunto é a formação da população brasileira,¹⁹ é o cidadão desta *quarta parte nova* do mundo quem refuta os argumentos absurdos, falsos e preconceituosos do inglês.

Um exemplo basta para demonstração: *As fontes de informação do nosso A. serão conhecidas por incapazes, quando se observar, que ele diz: "Que a mistura do sangue judeu na sua população tem produzido os acostumados frutos da avareza e baixa velhacaria". É ridículo atribuir vício ou virtu-*

¹⁶ C. B., v. I, p. 383.

¹⁷ *Ibidem*.

¹⁸ *Ibidem*, p. 200.

¹⁹ É importante lembrar a distinção feita por Hipólito no emprego dos gentilícios referentes à gente do Brasil: ele chamava *braziliense* ao natural do Brasil, *brazileiro* ao português europeu e aos estrangeiros que aqui vinham negociar e estabelecer-se e *braziliano* ao indígena. Cf.: RIZZINI, Carlos. Op. cit., p. 18, nota 15.

de ao sangue ou descendência, mas deixando isso, é evidente que estão longe os brasileiros de serem avaros, que o seu vício é a profusão e a prodigalidade, pois não há proprietário que não deseje ter um estado o dobro maior do que pedem as suas posses; e o mesmo digo a respeito da demasiada indústria, que atribui aos judeus (...); o *Braziliense* está tão longe disso, que a indolência e desleixamento é o seu vício, e nisto concorda também o Autor.²⁰ Um pouco acima, o jornalista havia refutado a afirmação de que a população do Brasil era, em sua origem, formada por malfeitores ou por perseguidos religiosos, dando exemplos da proveniência dos povoadores de algumas províncias, entre as quais os da sua Colônia de Sacramento.

Chama a atenção do leitor o destaque dado à emancipação da América Espanhola. Tema que ocupa grande número de páginas na parte política do jornal, aparece pela primeira vez na seção literária em abril de 1809, antes, pois, das rebeliões de Buenos Aires e Caracas no ano seguinte. Hipólito aproveita a análise feita pelo periódico *Edinburg Review* (primeira revista literária do mundo, criada em 1802) da *Lettre aux Hespagnols-Américains*, pelo ex-jesuíta d. Juan Pablo Viscardo y Gusmán, de Arequipa, a favor da separação, justificando assim sua inserção: *A celebridade deste jornal literário e os importantes fatos que por ocasião desta análise se desenvolvem, serão bastante motivos para que se permita copiar aqui alguns extratos de um ensaio, que tem tão íntima conexão com a história atual do país a cuja vantagem se dirige principalmente o Correio Braziliense.*²¹

Os resenhistas (revisores, na linguagem da época) manifestam-se favoráveis à emancipação, destacando

ao longo da análise as vantagens que adviriam para a Grã-Bretanha se esta apoiasse os movimentos separatistas na América do Sul. A principal delas seria comercial, com a formação do Canal de Panamá: uma grande descrição geográfica e histórica assegura a viabilidade de tal projeto, já idealizado em vários estudos listados nas notas de rodapé do artigo. A *Lettre* relata, os resenhistas comentam e às vezes Hipólito acrescenta alguma observação, todas as etapas e percalços de vários planos de emancipação das colônias americanas meridionais, desde o projeto apresentado a um ministro inglês, em 1790, pelo General Miranda, em cujo peito parece fora, senão primeiro concebido, aperfeiçoado este plano.²²

Miranda merece da *Review* várias páginas condensando sua história pessoal e seus contatos políticos, sua participação nos exércitos espanhol e francês, os percalços e frustrações de suas alianças sujeitas às variações da política européia e dos seus interesses na América. Destaco este trecho, particularmente interessante:

Depois de finda a Guerra Americana ele resignou a sua situação no serviço da Espanha e veio ter à Europa, com as vistas de estudar as instituições das nações mais iluminadas, e tirar delas instrução, para o bem do seu país natal. Para esse fim veio primeiro à Inglaterra, e partiu depois para a Prússia, Austria, Itália, Grécia e parte da Turquia. Dali foi à Rússia, onde se encontrou com o príncipe Potemkim em Cherson, e merecendo-lhe atenção foi por ele apresentado à imperatriz, em Kiow. Um natural da Espanha viajando em pro-

²⁰ C. B., v. I, p. 204-5.

²¹ Sob o título *Emancipação da América Espanhola*: II, p. 349-59, p. 467-74, p. 553-74.

²² C. B., v. II, p. 355.

cura de conhecimentos, e já por isso aperfeiçoado, pareceu à imperatriz um fenômeno. Convidou-o para ficar na Rússia, porque, disse ela, na Espanha o queimariam; a Espanha não era uma terra para ele viver. Quando Miranda lhe patenteou as vistas a que se tinha entregue a favor de seu país, manifestou ela o mais vivo interesse no cumprimento deste projeto e o assegurou de que, em caso de ser bem-sucedido, ela seria a primeira a apoiar a independência da América Meridional. Mandou uma carta circular aos seus embaixadores na Europa para que lhe dessem em toda a parte a sua imperial proteção e convidou-o a sacar sobre o seu tesouro para o seu sustento individual.²³

O artigo conta, também com riqueza de detalhes, os encontros de Miranda com comissários mexicanos, em Paris, que lhe solicitam a intermediação junto ao governo britânico para a entrega de um plano de independência daquele país, com oferta de vantagens à Inglaterra - e o pagamento de 30 milhões esterlinos - em troca de assistência e aliança. Outros momentos da luta do insurgente venezuelano, que durante 30 anos se ocupou da libertação do jugo espanhol, estão narrados no texto, que pode ser lido hoje como uma versão da história da América. Da mesma forma que outros como *História geográfica, natural e civil do Chile*, de d. Ignacio Molina, *Examen imparcial de las disensiones de la America con la España, de los medios de su recíproco interés, y de la utilidad de los aliados de la España*, por d. Alvaro Florez Estrada e *Jornal da Expedição do General Mina ao México*.²⁴

Hipólito explica que seria do interesse dos brasileiros lerem o que se pensa na Europa sobre seus vizinhos, justificando, assim, sua seleção, mas é

interessante ressaltar também que conhecia pessoalmente Miranda e, possivelmente, outros líderes hispano-americanos, tais como O'Higgins, Bolívar, San Martín, Marino, Alvear... ligados todos à maçonaria: na casa do venezuelano em Londres funcionava a loja *Gran Reunión Americana*, que representava as lojas das colônias espanholas e as *portuguesas do Brasil*.²⁵ Aliás, a maçonaria é tema de dois números do C. B., através da *Análise do folheto intitulado - Os pedreiros livres e iluminados, que mais propriamente se deveriam denominar os tenebrosos, de cujas seitas se tem formado a pestilencial irmandade, a que hoje se chama jacobinismo*, publicada, naturalmente, em Lisboa.²⁶ Respondendo às acusações, o jornalista mostra os preconceitos fundamentados no desconhecimento: sugere ao autor a leitura de várias obras, contra e a favor da sociedade.

É com prazer além do ordinário que tenho de anunciar ao mundo a primeira obra impressa no Brasil (já no Brasil se imprime!)²⁷ comemora o jornalista que havia publicado, na seção *Miscelânea*, o decreto do príncipe-regente criando a imprensa. O regozijo não o faz esquecer, porém, a defesa intransigente da liberdade e independência dos jornais e livros. Embora aprove a maioria das *Observações sobre o comércio franco no Brasil*, de José da Silva Lisboa, critica o excesso de louvores às autoridades e o posicionamento do futuro Visconde de Cairu contra oposição ao governo: O es-

²³ C. B., v. II, p. 357.

²⁴ C. B., v. III, p. 276-98; *Examen imparcial...*: v. VII, p. 66-75 e 177-85. A expedição... começa no v. XXVII, p. 364-86 e continua em vários números seguintes, terminando em julho de 1822.

²⁵ RIZZINI, Carlos. Op. cit., p. 8-9.

²⁶ C. B., v. III, p. 141-9 e 269-76.

²⁷ C. B., v. II, p. 474. O decreto está no v. I, p. 517-8.

tar eu habituado a ver em Inglaterra discutir publicamente as medidas do governo e conhecer os bens que daí resultam à Nação, me faz receber de muito mau grado este princípio, que aqui se insinua, de extrema submissão às opiniões do governo,²⁸ diz, sem esconder a admiração pelo pluralismo britânico.

Outras duas obras do mesmo autor, *Observações sobre a prosperidade do Estado, pelos liberais princípios da nova legislação do Brasil* e *Observações sobre a franqueza da Indústria e estabelecimento das fábricas no Brasil*,²⁹ também merecem do nosso redator acurada análise e acertadas críticas: o espírito áulico do visconde é demasiadamente aguçado.

Um rico material sobre Portugal em 1808 está contido em uma obra de título quilométrico, escrita por um oficial do exército inglês que participara da campanha contra os franceses. Chama-se *Tratado sobre a defesa de Portugal, com um mapa militar do País; a que se ajunta um esboço das maneiras e costumes dos habitantes, e acontecimentos notáveis nas campanhas de Lord Wellington em 1808 e 1809*.³⁰ Além das informações geográficas e militares, traça um retrato cultural dos portugueses, relatando fatos e descrevendo hábitos, observando o estágio de desenvolvimento das ciências, da pintura, da escultura, da gravura, da edição de livros, da medicina, das técnicas agrícolas... Hipólito aproveita a obra do inglês para dizer da importância e do interesse que ela pode ter para os naturais de um país onde a escravidão da imprensa impede aos nacionais o expor os vícios pátrios e procurar a sua emenda por meio da discussão pública, que é o meio mais natural e eficaz de se ilustrarem os homens uns aos outros.

Ainda no capítulo relato de viagens não escapou ao nosso jornalista a obra *Travels in the interior of Brazil*,³¹ de John Mawe, comerciante inglês que, gozando das benesses do governo no Brasil graças às recomendações do embaixador português em Londres, consegue o que era proibido aos *brazilienses e brasileiros* em geral: viajar pelo país, conhecê-lo e publicar suas observações. Mesmo a Província de Minas, mais resguardada devido ao ouro e diamantes, foi visitada, além das do Rio de Janeiro e São Paulo. A leitura dos extratos selecionados é muito atraente, dando uma boa síntese deste que foi, segundo o jornal, o primeiro panorama do nosso país e da nossa sociedade. Embora relatado pelo olhar estrangeiro, *sempre os naturais do país o devem ouvir e com tanta mais atenção quanto mais acerbas forem as acusações e críticas que ele fizer, porque este é o meio de emendar muitos males do Estado*.

Outro livro, *A voyage round the world, in the years 1800, 1801, 1802, 1803 and 1804*,³² de John Turnball, também foi selecionado por conter uma série de observações sobre o Brasil. O leitor hoje encontra nas páginas literárias do C. B. um farto material para análise histórico-política do país, além de bons elementos para completar informações sobre as mentalidades da época. Já os interessados em história econômica poderão se debruçar sobre as 400 páginas dos *Princípios de economia política aplicados à legislação do comércio*, de Simonde, transcritas de 1816 a 1820, com o declarado intuito de colaborar com a instru-

²⁸ C. B., v. II, p. 475.

²⁹ C. B., v. V, p. 604 e 614, respectivamente.

³⁰ C. B., v. VI, p. 134-49.

³¹ C. B., v. IX, p. 253-5 e 433-42.

³² C. B., v. XVI, p. 141-8 e 240-6.

ção dos governantes, pois esta obra é elementar e feita sobre os admiráveis princípios que o ilustre inglês Adam Smith estabeleceu primeiro, mas obscuramente, e o nosso autor desenvolveu e dispôs com clareza e método, destinando-a particularmente à França. Por isso, nos extratos que daremos, traduzidos neste jornal, atenderemos somente aos princípios de aplicação universal...³³

Para leitores interessados em Direito, há 200 páginas de extratos traduzidos e comentados do *Esprit, origine et progrès des institutions judiciaires des principaux pays de l'Europe*,³⁴ de autoria de J. D. Meyer, apresentado com o título de "Cavalheiro de três instituições científicas européias". Durante dois anos, o redator traduziu e compilou extratos dos vários volumes, apresentando-os com comentários e explicações como esta: *E porém o principal objeto do autor parece ser o explicar a máxima de Montesquieu, que a história deve elucidar as leis e estas a história, não entendendo por história a mera narração de fatos e determinação de datas, nem entendendo por leis o mero ofício de legista em saber e entender a determinação especial de cada édito; porém sim a filosofia da história e da legislação.*³⁵ E, fato inédito no jornal, a matéria foi abandonada: à última página em que aparece está, como de hábito, indicado *Continuar-se-á*, o que surpreendentemente não ocorre.

A literatura *tout court* não goza de privilégios nesta seção de *Literatura e Ciências*. São escassas as menções a obras literárias, assim como ensaios, ficção ou poesia. Em mais de 2.000 páginas, as resenhas específicas contam-se nos dedos de uma mão e não é difícil agrupá-las: *Exame crítico do novo poema épico, intitulado o gama;*

*Atala ou os amantes do deserto; Nova edição de Camões; e Brevíssima análise do poema intitulado geórgicas portuguesas.*³⁶ Os comentários ao *Gama* e à nova edição dos *Lusíadas* se caracterizam por servirem a conclusões políticas, enquanto a tradução da obra de Chateaubriand merece uma análise mais apurada e mesmo um posicionamento crítico que esclarece bastante a respeito das preferências do nosso jornalista. O primeiro parágrafo deste artigo contém a visão de literatura professada por Hipólito:

A imensidade de novelas que se tem publicado durante o século passado e neste, a insipidez, inutilidade e muitas vezes depravação destas publicações, tem feito caracterizar esta sorte de composições como uma leitura somente própria de espíritos frívolos, e como um emprego inútil, quando não seja de conseqüências funestas à moral do leitor. Não entram, porém, nesta classe as novelas fundadas em princípios da verdadeira moral, e tendentes a inspirar no leitor as máximas de prudência, e as regras de conduta que se incluem nas paridades, e emblemas que, divertindo o espírito, formam o entendimento e regem o coração. Tais são um *Telêmaco*, um *Feliz independente do mundo e da fortuna*, e tal é a *Atala*.

E o nosso jornalista prossegue, revelando seus parâmetros de formação moral: *A novela de que se trata é, por assim dizer, uma recompilação prática dos teoremas que o A. tem de-*

³³ C. B., v. XVI, p. 338.

³⁴ C. B., v. XXII, p. 591-609, parte inicial, que terá continuidade em vários outros números, até fevereiro de 1821, v. XXVI, p. 107-16.

³⁵ C. B., v. XXII, p. 592-3.

³⁶ As matérias citadas encontram-se, respectivamente: C. B., v. IX, p. 247-8; v. IX, p. 590-4; v. XIX, p. 262-3 e v. XXVI, p. 32-43 com continuação p. 394-411.

monstrado pela razão, e pelos fatos históricos; e pinta com justa energia os sentimentos que a religião inspira em uma alma virtuosa sem-afetação religiosa, sem fanatismo, e bem morigerada sem ser demasiado austera.³⁷ Após um extrato publicado para demonstrar a qualidade da tradução feita por *alguém que ocultou seu nome*, os comentários dão conta de alguns lapsos e exprimem as opiniões do resenhista sobre fidelidade e licenças dos tradutores em relação aos originais. Como se vê, quase dois séculos depois, os jornais brasileiros são fiéis ao modelo de resenha utilizado no C. B., embora reservando-lhe menos espaço...

Também a matéria sobre as *Geórgicas portuguesas* possibilita ao redator expressar sua verve irônica, quando, ao final da transcrição do misterioso *Artigo comunicado*, em que não aparecem nem o nome do autor nem o do seu comentador, Hipólito dá a senha. Identifica o autor como genro e colaborador do diretor dos *Anais portugueses* e o autor da análise como Sr. C. X., anulando seu fraco julgamento com esta conclusão peremptória:

*Escritores que assim decidem o mérito de uma obra sem autorizarem seu juízo com exemplos e que para nada dizerem empregam 24 páginas, nos confirmam quão acertado estava Boileau, quando escreveu: Fuyez de ces auteurs à l'abondance sterile.*³⁸

Mas ele também cometeu seus versos e dois poemas, considerados de sua autoria por Mecenas Dourado, estão publicados sem menção do autor na seção. São *Ode* e uma paráfrase da *Ode de Horácio Jam satis terris...*,³⁹ e em ambos se nota uma adequação às exigências formais do gênero e da época. O leitor contemporâneo, porém, tem dificuldade em aceitar o Hipólito

poeta: diferentemente de sua prosa, seus versos morrem com o estilo da época.

Uma inovação utilizada em *Literatura e Ciências* a partir de junho de 1811 se torna característica da seção e também até hoje está presente nos suplementos culturais de inúmeros periódicos nacionais e mesmo estrangeiros. Trata-se de informes sobre as últimas obras publicadas, separados em espaços reservados à Inglaterra e Portugal sistematicamente, ao Brasil em alguns exemplares, à França em outros. Tal diagramação permite ao leitor atento comparar a produção editorial nos dois primeiros países, tanto em quantidade quanto em diversidade de gêneros. Mesmo sem uma estatística rigorosa é possível assegurar a enorme superioridade da Inglaterra em todos os domínios. Poder-se-ia argumentar que é dali que o jornalista escreve, mas isto não seria suficiente para justificar as desvantagens portuguesas.

A citação resumida de alguns informes contidos no número,⁴⁰ escolhido aleatoriamente, dá uma amostra da edição num e noutro país. Da Grã-Bretanha: *Rickman on english architecture*, tentativa para discriminar os estilos da arquitetura inglesa, desde a conquista até a Reforma; *Accum's chemical amusement*, divertimentos químicos, compreendendo uma série de experiências curiosas e instrutivas; *Hawkins' Enquiry*, inquirição sobre a natureza e história da poesia grega e latina; *Taylor's anedoctes of insects*, anedotas de insetos notáveis, escolhidas da história natural e misturadas com poesia; *Booth's greek lexicon*, léxico das pala-

³⁷ C. B., v. IX, p. 590-1.

³⁸ C. B., v. XXVI, p. 411.

³⁹ DOURADO, Mecenas. Op. cit., p. 598. Os poemas estão em: C. B., v. XIII, p. 165-6 e v. XI, p. 55-6.

⁴⁰ C. B., v. XIX, p. 254 e seguintes.

uras primitivas da língua grega, para uso das escolas e pessoas particulares; *Nichola's voyage to New Zealand*, narrativa de uma viagem àquele país, com a descrição do interior, com várias estampas e um mapa da ilha; *An essay on capacity and genius*, ensaio sobre a capacidade e o gênio, para provar que não há superioridade mental original nem gênio inato.

De Portugal constam: *Vida cristã*, para exercício de leitura corrente nas escolas militares; *Gênio do cristianismo ou beleza da religião cristã*, obra do conde de Chateaubriand, traduzida por D. B. A. C.; *Invasão da Rússia, e destroço do exército francês*, na memorável campanha de 1812; *Oração fúnebre*, pregada nas exéquias de S. M. fidelíssima, no Real Convento do Coração de Jesus da Estrela; *Opúsculo canônico, moral e apologético*, no qual se defende a doutrina de Bento XIV; *História divertida e instrutiva dos sete sábios da Grécia*, a qual contém sentenças filosóficas, ditos galantes e outros artigos para divertimento e instrução; *D. Sebastião em África*, tragédia, por Manuel Caetano Pimenta de Aguiar; *Divertimento instrutivo*, ou coleção de novelas, histórias, contos morais, anedotas, ditos filosóficos, contos para rir, com galantes estampas; *Os dois irmãos inimigos*, tragédia; *Observações sobre as afecções catarrais em geral, e particularmente sobre os De-fluxos do cérebro e do peito*.

As diferenças qualitativas ou quantitativas não surpreendem tanto se nos reportamos às primeiras observações de Hipólito sobre a produção editorial, a liberdade de imprensa, a censura e o poder eclesiástico na nação portuguesa. Pelo contrário, as constatações do leitor só corroboram as críticas feitas.

Na seção também aparecem outras subdivisões, chamadas de *Notícias Literárias* e de *Notícias Científicas*. Transcrevo duas das primeiras, selecionadas propositalmente entre as poucas referentes à literatura ou vida literária:

*O manuscrito da Nova Heloisa, na letra de Rousseau, em quatro volumes de oito volumes e que pertencia a Madame de Houde-lot, que falecera há pouco, se ofereceu à venda em Paris, no dia 4 de junho, por 8.000 francos. Não havendo, porém, quem chegasse a este preço, não quiseram os testamentários que se vendesse.*⁴¹

A segunda:

*Acha-se também na imprensa a obra de Madame de Stäel, que foi proibida em Alemanha. Esta interessante obra, cuja misteriosa proibição tem há tanto tempo excitado a curiosidade da Europa, é o resultado das observações de Madame de Stäel sobre as maneiras, sociedade, literatura e filosofia dos alemães. Chegou-se a imprimir em Paris uma edição desta obra, de 10.000 cópias, no ano de 1810, e ainda que no decurso da impressão se submeteu à censura de uma espécie de polícia literária, repentinamente houve ordem de suprimir toda a edição. Escapou, porém, um exemplar, do qual se vai fazer a presente edição, e conterà todas as passagens que foram riscadas pelos censores de Bonaparte, e um prefácio em que se refere à história desta célebre perseguição literária.*⁴²

Já as novidades científicas e tecnológicas são muitas e ora aparecem

⁴¹ C. B., v. XI, p. 53-4.

⁴² *Ibidem*, p. 557-8.

sob a rubrica *Novas Descobertas*, em notícias breves, ora em artigos mais extensos que desenvolvem temas como: teoria dos ventos; observações lunares; tingimento de tecidos; águas medicinais; veneno do arsênico; novo método de produzir gelo; gordura animal; luz de mechas combustíveis; partes constituintes do arroz; decomposição do azote; geografia das plantas, de Humboldt; geografia dos insetos; ácido carbônico; epilepsia; sementes de plantas; fábrica de papel; refração dos cristais; regas e modos de aguar os prados; uso de novos arados; impressão de estampas; método de fundar os alicerces para cais e arcos de pontes e muitos outros que mereceram a atenção do pragmático jornalista, para quem o saber interessava principalmente por suas possibilidades de aplicação que conduziriam certamente ao progresso. É bom não esquecer de seus estudos filosóficos, isto é, científicos, e que outra mentalidade predomina nesta nova geração de intelectuais brasileiros.

E, apenas para o deleite do pesquisador que assume o reconhecimento dos seus objetos de desejo no trabalho intelectual, fica o registro de algumas das inúmeras viagens proporcionadas pelas publicações. Há o *Eustac's tour through Italy*; o *Kinner's memoirs of Persia*; a viagem ao redor do globo nos anos de 1803 a 1806 nos dois volumes de *Krusntern's russian voyage*; o *Lamotte's tour in norway and sweden*; a viagem de Copenhague ao Brasil, Mar Pacífico, Kamschatka e Japão no *Langsdorff's voyages and travels*, as viagens na Morea, Albânia e outras partes do Império Otomano, passando pela Grécia e Egito em *Ponqueville's travels in the Morea*; o

Thom's pedestrianism ou narração dos feitos de célebres pedestres e retrato de corpo inteiro do capitão Barclay, no seu vestido de caminhar; as viagens à Índia, à China, ao Ceilão e a Java; os primeiros guias para conhecer Paris; a pioneira viagem de Lichtenstein ao sul da África e ainda um *Epicure's almanack* ou calendário de boa-vida.

A leitura da seção avança, ano após ano, sem perder a atração que exerce sobre o leitor contemporâneo interessado em acordar o passado. Ora se destaca a matéria *As províncias de La Plata erigidas em monarquia*, considerações políticas apresentadas em Aix-la-Chapelle por um ministro português, como a solução para os graves conflitos entre as cortes de Madrid, Rio de Janeiro e o governo de Buenos Aires, escolhendo-se como rei do novo país o infante d. Sebastião de Bourbon e Bragança.⁴³ Ora é o barão Alexandre Humboldt quem reaparece nas notícias literárias, na transcrição de uma carta do rei da Prússia, Frederico Guilherme, garantindo-lhe 12.000 dólares anuais em ouro, do princípio ao fim de seu novo empreendimento - a sua viagem filosófica à Índia - além de outros benefícios como o empréstimo de instrumentos matemáticos e físicos. Tudo isso em reconhecimento ao mérito dos trabalhos prestados à sua pátria.⁴⁴

Em agosto de 1822, quando se acirram as diferenças entre Lisboa e Rio de Janeiro sobre o estatuto político do Brasil, Hipólito transcreve e discute acerbamente um documento⁴⁵ publicado em Paris, por uma sociedade de

⁴³ C. B., v. XXIV, p. 156-66.

⁴⁴ C. B., v. XXI, p. 525-6.

⁴⁵ C. B., v. XXIX, p. 237-57.

portugueses aí residentes. Sua indignação ante os argumentos dos *portugueseiros* é enorme, alertando para os perigos de uma separação forçada do Brasil, aviltado ante o retorno à condição de simples colônia. O parágrafo final é retumbante: *...muito lastimamos que não haja quem a tempo desmascarare homens tão perversos (como os atuais inimigos do Brasil) que só têm em vista o sórdido interesse e em quem a sede de mandar (com mão despótica e arbitraria o Brasil) se cobre com a máscara de patriotismo, para assim iludir e perder os seus compatriotas que a ignorância (do que é o Brasil) cega, e a vaidade (de chamar colônia sua uma nação poderosa) alucina (ao ponto de provocar a separação do Brasil, que traz consigo o total abatimento de Portugal, e talvez a sua anilação da lista das potências).*

Na seção *Literatura e Ciências* não transparece nenhuma indicação de que o jornal deixará de ser publicado. É na página final de *Miscelânea*, no derradeiro número 175, de dezembro de 1822, que se encontra o Anúncio aos Leitores do *Correio Braziliense*, última mensagem do redator. Nela é dada por cumprida a missão:

Este periódico, destinado sempre a tratar como objeto primário dos negócios relativos ao Brasil, tem há alguns meses sido quase exclusivamente ocupado com os sucessos daquele país ou com os de Portugal que lhe diziam respeito e os acontecimentos últimos do Brasil fazem desnecessário ao redator o encarregar-se da tarefa de recolher novidades estrangeiras para aquele país, quando a liberdade de imprensa nele, e as muitas gazetas que se publicam nas suas principais cidades, es-

*cusam este trabalho d'antes tão necessário.*⁴⁶

Mas Hipólito parecia não pretender encerrar definitivamente a publicação e sim eximir-se do compromisso de edição mensal, ameaçado também pela irregularidade de transporte pelos navios. Se e quando se oferecesse matéria sobre que julgemos dever dar a nossa opinião a bem da nossa pátria, além de ocasião oportuna para fazer as remessas, ele imprimiria seu periódico. Não teve, porém, ocasião de fazê-lo. Talvez porque já houvesse escolhido nova tarefa: a de batalhar pelo reconhecimento, pelas potências européias, das novas nações do Novo Mundo. Talvez porque aguardasse a sua nomeação oficial como Cônsul Geral do Império Brasileiro na Inglaterra, enquanto desempenhava algumas funções auxiliares na representação brasileira. A promessa seria cumprida, mas já tarde demais. A distância e a demora nas comunicações fez com que o único desígnio infalível ocorresse antes: o jornalista morre a 11 de setembro de 1823 *de breve moléstia*, segundo Rizzini, nove dias antes da assinatura do decreto imperial.

Este passeio pelas páginas do *Correio Braziliense*, através das passagens da *Literatura e Ciências*, termina aqui. O diálogo travado com o passado mostrou, mais que tudo, *sua presença no presente e o presente que já está lá, prefigurado no passado.*⁴⁷ Algumas das reminiscências que relampejaram ao longo do caminho estão aqui fixadas, principalmente nas citações, pois *citar os mortos, como citar um texto, é uma forma de trazer o pas-*

⁴⁶ C. B., v. XXIX, p. 635.

⁴⁷ GAGNEBIN, J. M. *Walter Benjamin ou a história aberta*. In: BENJAMIN, W. *Op. cit.*, p. 15.

Artigos & Ensaaios

sado para o presente, de infundir uma vida nova aos objetos citados, retirando-os de seu contexto.⁴⁸

Mas tal como ao anjo de Klee, é em direção ao futuro que a tempesta

de impele, e o caminho são as páginas de outros suplementos literários dos muitos jornais brasileiros criados na esteira do *Armazém Literário* de Hipólito da Costa.

Referência das imagens

Imagens das páginas 9, 10, 11 foram reproduzidas de: RIZZINI, Carlos. *Hipólito da Costa e o Correio Braziliense*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1957. p. 84, 268 e 276.

⁴⁸ ROUANET, S. P. As passagens de Paris. In: *As razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 46.